“Sobres os anjos” – Alguns comentários lingüístico-estilísticos acerca do Livro VII, 5, dos “Etymologiarium Libri” de Santo Isidoro de Sevilha

Álvaro Alfredo Bragança Júnior

Resumo: *This paper analyses linguistic and stylistic aspects presented in the fifth chapter of Etymologies’ seventh book by Saint Isidore of Seville, an author who lived in the seventh century.*

Palavras-chave: *Latim Medieval; Filologia Latina; Idade Média.*

1. Introdução

O título do presente trabalho pode parecer abrangente aos olhos de um leitor incauto, contudo, nosso objetivo acadêmico dentro das próximas linhas é analisar lingüística e estilisticamente o capítulo 5, do livro VII, das *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha, autor do século VII da nossa era.

A partir principalmente dos estudos históricos desenvolvidos em nosso século, principiou-se uma revalorização da Idade Média, por antigos estudiosos conhecida como a “idade das trevas”. Todo o seu complexo universo simbólico apresenta uma sociedade rica em manifestações culturais que marcaram deci-

Álvaro Alfredo Bragança Júnior é professor de Língua e Literatura Alemã e de Filologia Germânica na Faculdade de Letras da UFRJ.

sivamente o próprio fazer cultural do homem moderno. Além disso, durante a fase medieval da história da humanidade, várias línguas firmaram-se através da produção de textos literários próprios, primitivos indicadores de futuras aspirações de nacionalidade.

Tentaremos, através de um breve roteiro de estudos sobre a Idade Média, sobre o século VII, situar o leitor num quadro geral sobre o valiosíssimo momento cultural que foi a *Media Aetas*. Do ponto de vista estritamente acadêmico, tenciona-se fazer uma tradução do texto *De Angelis*, bem como analisá-lo quanto ao seu aspecto formal, ou seja, quanto ao uso do latim, como um pequeno esboço estilístico sobre a questão das etimologias analisadas pelo santo espanhol. Isso nos permitirá verificar que a língua latina permanecia sendo a veiculadora oficial de informações de quase todo o clero. É mister que se faça um estudo do chamado “latim medieval”, conceito esse passivo ainda hoje de acalorados debates. Faremos uma sumariíssima incursão sobre a fonética e o léxico dessa modalidade do latim para depois passarmos ao texto latino, que será apresentado na íntegra, de acordo com a edição espanhola dos *Etymologiarum Libri*, e com sua posterior proposta de tradução para o português, sendo que a esta tradução suceder-se-ão comentários de ordem lingüístico-estilísticos sobre o referido texto.

Enfim, convém ressaltar que o escopo deste trabalho prende-se, cada vez mais, à tentativa de demonstrar a intrínseca relação entre a língua latina e o mundo intelectual da Idade Média, onde o cristianismo impregnava o pensamento e a produção literária.

2. A Idade Média – sucinta caracterização histórica

Muitos estudiosos já levantaram as principais marcas distintivas da Idade Média para com a Antiguidade Clássica e Renascimento. Embora passível de discussão, datam-se os limites cronológicos desta época da história universal entre 476 – queda do Império Romano do Ocidente – e 1453 – tomada de Constantinopla pelos otomanos. Durante esses onze séculos, a Europa viveu transformações de variada ordem, desde as dinastias merovíngia e carolíngia, com a dominação dos mouros na Península Ibérica, com a implementação do feudalismo, com o futuro expansionismo rumo ao Oriente pelas Cruzadas, pela crescente importância da emergente classe burguesa, até a chegada do Renascimento e à afirmação de novos valores de conduta e de pensamento.

A estrutura extremamente teocêntrica da vida medieval, centrada basicamente na tentativa de incorporação no ser humano das virtuosas lições morais de Cristo, é marca fundamental para a compreensão do *modus vivendi* e do

modus cogitandi do homem medievo. O clero tinha parte dominante no estabelecimento de regras para o correto procedimento do homem no mundo. Por outro lado, com o crescente comércio com o Oriente, desenvolve-se, do mesmo modo, o gosto pelo exótico, aqui representado pelas tapeçarias, especiarias e demais produtos que chegaram à Europa na época. Conseqüentemente, ocorreu também um maior apego ao luxo pela realeza, como também pela assim chamada “baixa realeza”, esta constituída pelos duques, barões, condes e demais nobres senhores feudais. Poder-se-ia dizer que, paralelamente a essa sociedade de formação cristã, surgiam evidentes sinais de fortes interesses econômicos, os quais levaram reis e imperadores, sob a proteção da Igreja e sob o pretexto de combate e expulsão dos infiéis da Terra Santa e adjacências, a organizarem expedições militares e santas, as “Cruzadas”, com o intuito de estender seu poder político até àquelas regiões.

Faremos agora um pequeno recuo no tempo e iremos para a Espanha no século VII para podermos vivificar a época de Santo Isidoro de Sevilha e de sua obra.

3. O Século VII - alguns pontos

Após a fragmentação política do Império Romano do Ocidente em 476, a antiga região romana da Hispania foi paulatinamente sendo ocupada pela tribo dos visigodos, ou melhor, de acordo com seu étimo germânico, dos “godos do oeste”. Mais especificamente, a partir do século VI, consolidou-se o domínio visigótico em praticamente toda a Península Ibérica, tendo existido um reino germânico na Espanha até 711, quando Tarik, oriundo do norte da África, conquistou a região em nome de Maomé.

Não se pode fazer um juízo de valor sobre o período visigótico na Península, utilizando-se como ponto de comparação os padrões culturais da Roma Clássica. Segundo Maria Sonsoles Guerras, os godos do oeste contribuíram para a edificação de um reino que, no plano cultural, demonstrou uma organização legal que o diferencia de outros reinos germânicos europeus contemporâneos. Fazemos nossas as palavras da pesquisadora, resumindo a importância visigótica até o século VIII:

Os visigodos, finalmente instalados na Península Ibérica, estabeleceram sua capital em Toledo. Tiveram instituições próprias, como os concílios de Toledo, destacaram-se pelo alto nível cultural, chegando a codificar um direito (GUERRAS, Maria Sonsoles, 1991, p.71).

Talvez a fraqueza do reino visigótico residisse no fato da organização de uma hierarquia sucessória. Leiamos Maria Sonsoles: “Porém, não conseguiram

resolver o problema sucessório e sucumbiram diante da força do mundo muçulmano em pleno auge de sua expansão, em 711” (GUERRA, Maria Sansoles, p.71).

Entretanto, apesar do domínio político germânico, as instituições romanas, mormente a Igreja e sua língua, o latim, foram incorporadas ao ambiente cultural da Hispania do século VII. A cultura clássica e a Igreja mantiveram-se unidas a produziram obras que perdurariam por vários séculos como obras de referência essencial aos estudantes medievais: Boécio no reino ostrogodo, Martin de Dumio entre os suevos, Beda, O Venerável, na Inglaterra, Alcuíno na corte de Carlos Magno e, fundamentalmente, Isidoro de Sevilha entre os visigodos. (GUERRA, Maria Sansoles, p.77).

Assim, temos uma Hispania administrativamente germânica, porém culturalmente germano-romana. Santo Isidoro de Sevilha sairá dessa sociedade e trará consigo esse legado cultural de sua região, especialmente daquele constituído pelas leituras dos Santos Padres e da Sagrada Escritura, bem como dos grandes mestres latinos. Até lá, passemos a algumas considerações sobre o século XII, época do esplendor da Idade Média.

3. O Século XII - o “Renascimento medieval”

Charles Homer Haskins em seu conceituado *The Renaissance of the 12th Century* assim situa o século XII: “This century, the very century of St. Bernard and his mule, was in many respects an age of fresh and vigorous life” (HASKINS, Charles Homer. 1977, p.8). E o estudioso americano prossegue:

The epoch of the Crusades, of the rise to towns, and of the earliest bureaucratic states of the West, it saw the culmination of Romanesque art and the beginnings of Gothic; the emergence of the vernacular literatures; the revival of the Latin classics and of Latin poetry and Roman law (HASKINS, Charles Homer, 1977, p.190)

No século XII, há o aparecimento das primeiras universidades europeias (Bolonha e Paris). As *artes liberales*, divididas em *trivium* – Gramática, Dialética e Retórica – e *quadrivium* – Aritmética, Geometria, Música e Astronomia – eram ensinadas nos principais centros de cultura de então, ao lado das universidades, os mosteiros e conventos. Chartres e Cluny ainda são os mais destacados pólos irradiadores do pensamento e da tradição da Antiguidade greco-romana. Com a progressiva melhoria da vida desde o século XI, com o fim das invasões, com a crescente aceitação pelos nobres do espírito cristão, com melhores técnicas de aproveitamento do solo, a sociedade europeia consolidou

suas bases para o século seguinte, que viria a ser de indiscutível importância para a solidificação de seu código de valores. Ruy Afonso da Costa Nunes assim esclarece o incremento de relações comerciais nessa época: a atividade comercial reanimou, por sua vez, a vida urbana e incentivou o aparecimento de novas ocupações, assim como a acelerada emancipação dos servos. A economia agrária foi substituída pela de giro e surgiram outras espécies de trabalhadores, além dos tradicionais *mercatores et artifices* (NUNES, Ruy Afonso da Costa, 1979, p.185).

No tocante às letras, o citado autor evoca o século do despertar intelectual da Europa:

Trata-se de metáfora sugestiva, porque inculca o início de vera marcha intelectual e cultural, da fundação e do surto de escolas, da gênese das universidades, do início do ensino da filosofia que reapareceu brilhantemente no currículo das escolas urbanas, do fascínio que despertou em muitas pessoas o contato com as obras científicas dos autores antigos e muçulmanos (NUNES, Ruy Afonso da Costa, 1979, p.190).

Como se vê, o progresso comercial estava aliado à evolução do pensamento e ao desenvolvimento dos estudos humanísticos. Na parte filosófica, as obras de Aristóteles foram descobertas e revolucionaram os pressupostos da filosofia escolástica. Na parte literária, os clássicos latinos eram literatura obrigatória: Cícero, Virgílio, Ovídio, Horácio eram *auctoritates*. Sêneca, Justiniano, Donato, dentre outros, gozavam de grande reputação. Todos os grandes autores podiam ser encontrados nas bibliotecas das escolas monásticas, pois como se dizia então, *claustrum sine armario est quasi castrum sine armentario*.

A filosofia escolástica alimenta-se de textos, unindo, em um só *corpus*, o Cristianismo e o pensamento antigo. Está formada a filosofia que explica o mundo através da fé! Jacques Le Goff, em seu célebre *Os intelectuais na Idade Média*, resume a relação razão-fé-ciência com a maestria costumeira: “É que às leis da imitação, a escolástica acrescenta as leis da razão; aos preceitos da autoridade, os argumentos da ciência. Melhor ainda – ... – a teologia apela para a razão, torna-se uma ciência” (LE GOFF, s.d., p.107).

A racionalização da fé, o apelo de São Paulo para *quem fides argumentum non apparentium* (Heb ., XI, I) é a meta. A *ratio fide illustrata* é a base da razão teológica. A fórmula de Santo Anselmo *fides quaerens intellectum* completa-se com a sentença de Santo Tomás *gratia non tollit naturam sed perficit*. A síntese de todo esse conhecimento era expressa em latim. Já na Alta Idade Média – sécs. V – XI – a produção em latim não se equiparava aos padrões clássicos. A revitalização do latim, iniciada por Carlos Magno, fez com que a língua do Lácio voltasse a brilhar a partir do século VIII. As idéias cristãs permeavam o mundo medieval e seu efeito sobre a língua de Roma foi decisivo para a constituição do chamado “latim medieval”.

4. Latim medieval - conceituação

Uma das fases da evolução do latim que tem despertado um grande interesse por parte de pesquisadores em todo o mundo, e também uma das mais difíceis no que se refere a delimitações cronológicas e estilísticas, costuma ser caracterizada como sendo latim medieval. A partir do século IV ter-se-ia desenvolvido na Europa um *sermo* (“língua”/ “conversação”) específico, que acompanharia a Europa Ocidental durante dez séculos, mesmo com o surgimento das atuais línguas nacionais. Esse *sermo* apresenta variadas definições: Traube considera o latim medieval como uma língua morta, embora apresentasse ainda possíveis modificações. Para Karl Vössler seria uma forma intermediária entre uma língua viva (latim vulgar) e uma língua morta (latim clássico). Strecker era de opinião que o latim medieval seria uma continuação normal do latim clássico, utilizado como meio de expressão. Franz Blatt o considera como sendo o latim usado pelos escrivães da Baixa Latinidade. M. E. Löfstedt, porém, pensa ser o latim medieval uma língua viva em curso normal durante a Idade Média. O caráter de língua viva durante a Idade Média também é acentuado por Dag Norberg. Em seu *Manuel pratique de latin médiéval*, o eminente estudioso assim define o latim da Idade Média: *Le latin du Moyen Age est la continuation du latin scolaire et littéraire du bas-empire. La transformation s'est faite très lentement, et pour comprendre ce développement, il faut partir de la situation linguistique avant la chute de l'empire* (In: NORBERG, 1968, p. 14). Christine Mohrmann assim resume o pensamento do mestre: *Il n'est pas une langue vivante dans le sens strict du mot, mais il présente certains traits caractéristiques qui le rapprochent des langues vivantes, à savoir: évolution syntaxique, néologismes, emprunts, etc* (NORBERG, 1968, p. 14).

Franz Blatt considera toda latinidade, e com isso o latim medieval, uma só unidade, chegando à conclusão que latim tardio e latinidade medieval são praticamente contínuos um ao outro. M. Bieler, citado por Mohrmann, vê no latim medieval uma *Ideengemeinschaft* (comunidade de idéias), uma língua sem nacionalidade, não sendo mundial, porém sendo utilizada como língua auxiliar durante toda a Idade Média. Para Richard Meister, latim medieval seria uma língua de tradição (no original *Traditionssprache*), sendo uma língua falada.

Pelo exposto, percebemos a complexidade de uma definição precisa do conceito latim medieval. Somos de opinião, contudo, que latim medieval, latim eclesiástico e latim bárbaro (latim dos tabeliães) se interpenetram, vindo a constituir o tecido lingüístico dos escritos de então. A associação língua latina – Igreja, por seu lado, é condição *sine qua non* para a compreensão da maior parte dos textos científicos e também literários. Entretanto, outro tipo de manifestação literária da época permanecia sendo transmitida, do mesmo modo,

em latim. Vários padres peregrinos, descontentes com o estado de corrupção, injustiça social e venialidade da Igreja, compuseram alguns poemas, conhecidos genericamente por *Carmina Burana*, em que denunciavam a situação vigente. O latim, portanto, era a língua de cultura, língua de transmissão dos ensinamentos das nascentes universidades européias, da explicação das Sagradas Escrituras, das discussões diplomáticas, dos encontros de juristas, enfim, fornecia o latim os subsídios necessários para um maior desenvolvimento cultural do mundo medieval. Assim sendo, o latim medieval pode ser visto como a modalidade lingüística portadora da cultura cristã e greco-romana. Esse mesmo latim, não apenas meio de comunicação lingüística em sua modalidade escrita (abstemo-nos das discussões sobre a oralidade e não mencionamos, claro, as línguas românicas, já quase todas possuidoras de textos em vernáculo); era, acima de tudo, o veiculador de normas e valores morais e éticos. Através da comparação entre os elementos cristãos, típicos representantes do pensamento teocêntrico, com as crescentes manifestações pagãs do cotidiano da Idade Média pode-se depreender o *modus vivendi* e a visão espiritualizante desse mundo. Algumas características desse latim diferiam dos usos clássicos, como veremos a seguir.

5. Algumas marcas lexicais e fonéticas do latim medieval

Lingüisticamente falando, o veículo de expressão ideológica de maior prestígio durante a Idade Média estendendo-se de maneira indiscutível pelo Renascimento foi o latim, latim esse distante dos padrões clássicos de Cícero, César, Horácio, Virgílio, Ovídio ou Sêneca. Não é necessário ressaltarmos a mobilidade da língua, que, a cada nova geração, adquire novas feições. Entretanto, as modificações lingüísticas espelham as mudanças sociais de seu respectivo tempo. Não a uniformidade, mas a polaridade e a vitalidade do universo expressivo do latim fazem a diferença lingüística na Idade Média, uma testemunha ocular de sua própria história social, da formação da sociedade medieval, em seu sentido mais específico. Mais ainda, os testemunhos escritos legitimam o processo de apropriação de formas e condições de vida que caracterizam a transformação de uma sociedade, a princípio com uma tradição cultural oral em uma sociedade onde seus próprios valores começam a ser transmitidos mais intensamente por via escrita.

O latim da Idade Média apresenta características, as quais não podem ser reduzidas a meras considerações de ordem morfológica, sintática ou fonética. Limitar-nos-emos a algumas marcas lexicais e fonéticas:

a) redução na escrita de determinados ditongos como *ae* e *oe*.

Ex.: *aedes* por *edes*; *feminae* por *femine*; *foedus* por *fedus*.

b) supressão do *-h* – medial em palavras como *nihil* – por debilidade fonética.

Ex.: *Nil valet in bellis vir inermis, et absque libellis Clericus est mutus, licet ingenio sit acutus*. (“De nada vale um homem desarmado nas guerras, e um clérigo sem livros é mudo, embora seja arguto no talento.”)

c) uso de diminutivos em abundância. Dag Norberg cita:

Munda cultellum, morsellum quere tenellum,

Sed per cancellum, post supra pone platellum. (NORBERG, 1968, p. 72).

d) aparecimento das rimas

Mus salit in stratum, dum scit abesse catum.

(“O rato pula para a cama, quando sabe que o gato está ausente.”)

e) redução de alguns grupos de consoantes geminadas.

Ex.: *cattus* por *catus*.

f) utilização do prefixo verbal para a criação de efeito sonoro. Gautier de Châtillon, citado por Dag Norberg (1968, p. 73), utilizou *rosa derosatur*, *mundus demundatur*, *masculos demasculare*, *federe defedere*, enquanto em alguns *carmina* encontram-se *titulum detitulare*, *virginem devirginare*, *canonicum decanonicare*, *depuerare pueros*.

g) emprego do nome de pessoas (normalmente personagens mítico-históricos) para simbolizar certa qualidade ou defeito.

Ex.: de Helena e Tiresias – *helenare et tiresiare*; de Absalon, Nero, Venus, – *absalonizare, neronizare, venerizare*; de Gualterius, Satanas – *gualterizare, satanizare*.

h) a construção de verbos com os sufixos *-are* ou *-izare*:

Ex.: *presbiterare, pontificare, musare, gulare, cervisiare, Podagrare, silabizare, stultizare, puerizare, etc.*

i) criações lexicais

Ex.: *vassus*, *-i* – vassalo, servo do senhor feudal (reflexo da ordem social). Karl Langosch apresenta alguns outros traços morfológicos distintivos do latim medieval que merecem a atenção. (LANGOSCH, Karl. Op. cit., p. 55).

a) os substantivos da 3ª. declinação apresentam troca entre *-is* e *-es* no nominativo singular (*sedis, cives*) e entre *-e* e *-i* no ablativo singular (*altare, regi, veteri*).

b) passagem de substantivos das 1ª e 2ª declinações para a 3ª e vice-versa, como se pode observar pelos seguintes exemplos: *soceris* ao invés de *socer*; *alacri* por *alacres*; *ignaves* por *ignavi*.

c) passagem de verbos para conjugações diferentes: da 3ª para a 1ª – *adiciare, amplexare*; da 1ª para a 3ª conjugação: *commendare, lanire*.

d) construções perifrásticas com o verbo *esse* – *sortitus fuerat*.

Com relação ao léxico, cita Langosch algumas das principais inovações:

a) palavras clássicas com novo significado:

<i>breve</i> , <i>-is</i>	– carta, documento;
<i>campus</i>	– campo de batalha, luta;
<i>consul</i>	– conselheiro;
<i>convertere</i>	– ir para o convento, tornar-se religioso (a);
<i>corpus</i>	– hóstia;
<i>exemplare</i>	– copiar, transcrever;
<i>facultas</i>	– direito, faculdade;
<i>feria</i>	– dia de semana (cf. <i>secunda feria</i> , em português);
<i>homo</i>	– subordinado, serviçal.

b) designativos de posição social:

<i>comes</i>	– conde; <i>dux</i> – duque; <i>miles</i> – cavaleiro; <i>sophista</i> – sábio;
<i>apothecarius</i>	– merceeiro, quitandeiro;
<i>armarius</i>	– bibliotecário, arquivista;
<i>mercator</i>	– mercador;
<i>negociatur</i>	– negociante.

c) neologismos:

<i>artista</i>	– representante das sete artes liberais;
<i>bannus</i>	– funcionário responsável por uma jurisdição;
<i>decretista</i>	– jurista canônico;
<i>emenda</i>	– penitência, multa;
<i>ganga</i>	– saída, partida (cf. alemão Gang);
<i>legista</i>	– jurista não eclesiástico;
<i>palpanista</i>	– adulator (cf. o português coloquial – gíria puxa-saco);
<i>babellare</i>	– balbuciar com raiva;
<i>metrificare</i>	– compor em versos métricos;
<i>semare</i>	– mutilar;
<i>siniugare</i>	– melhorar, aplainar, polir.

A pequena recolha de exemplos retirados de Dag Norberg e de Karl Langosch, juntamente com os provérbios medievais, nos dá uma boa idéia da riqueza do vocabulário e da fraseologia latina medievais. Sem dúvida, os modelos clássicos não eram olvidados e o conhecimento das obras de Cícero, Virgílio, Horácio, Ovídio e Sêneca, dentre outros autores, era indispensável para que a cultura de um cidadão pudesse ser aquilatada. Em sua grande maioria, os textos clássicos estavam conservados em cópias manuscritas em mosteiros, abadias e conventos. Na Hispania do século VII, um jovem monge teve acesso a vários textos e

compilou uma das mais monumentais obras, onde conhecimento erudito e imaginação criadora se mesclam admiravelmente. Falamos de Santo Isidoro de Sevilha, sobre quem esboçaremos dados biobibliográficos nas próximas linhas.

6. Isidoro de Sevilha - dados bibliográficos

Santo Isidoro de Sevilha, Doutor da Espanha e um dos principais escritores eclesiásticos da Idade Média, nasceu em Cartagena por volta do ano 560 e faleceu em Sevilha por volta de 636. Teve três irmãos, Leandro, Fulgêncio e Florentina. Seu pai exerceu as funções de prefeito em Cartagena. Após uma forte e severa educação eclesiástica sucedeu ao seu irmão Leandro na cátedra episcopal de Sevilha em 601. Depois de uma viagem a Roma, ganhou afeição ao papa S. Gregório; presidiu o segundo concílio de Sevilha em 619 e o quarto concílio de Toledo em 633 que deu à igreja da Espanha a sua constituição definitiva. Dentre as numerosas obras que Santo Isidoro compôs em latim, citamos os *Etymologiarum libri*, em 20 livros, o tratado *De viris illustribus*, o livro historiográfico *Historia gothorum*, dentre outros. Para uma melhor apreciação da obra isidoriana, utilizamos o esquema presente na edição espanhola das *Etimologias* (SAN ISIDORO DE SEVILLA, *Etimologias*, p. 17-21).

A) Ciências religiosas

A.1. Escritos teológicos

Liber de ordine creaturarum

Libri Sententiarum – três livros;

Synonima, de lamentatione animae peccatricis.

A.2. Trabalhos escriturários

Allegoriae Sacrae Scripturae ad Orosium;

De ortu et obitu Patrum, qui in Scriptura laudibus efferentur;

In libros veteris ac novi Testamenti prooemia,

Liber numerorum, qui in Sanctis Scripturis occurrunt;

Quaestiones in vetus Testamentum;

De fide catholica, sive *Contra iudaeos*, libri II, ad Florentinam sororem suam.

A.3. Escritos canônicos e disciplinários

De origine officiorum

De origine ministrorum

Regula monachorum.

B) Obras filosófico-científicas

Liber de natura rerum – influenciados pelas *Naturales Quaestiones* de Sêneca.

Originum sive Etymologiarum libri XX.

C) Obras Históricas

Chronicon – todos os acontecimentos da história universal até o reinado do rei Sisebuto;

Historia de regibus Gothorum, Wandalorum et Suevorum;

Liber de viris illustribus.

D) Obras literárias

Epistolae

De fabrica mundi – pequeno poema; alguns hinos.

Como visto, a atividade de escritor do santo espanhol foi vasta, abrangendo diversos campos do saber, como também esteticamente de qualidade inegável. Foge ao objetivo do presente trabalho traçarmos características do pensamento isidoriano e, por isso, partimos agora para a análise sucinta das *Etimologias* do mestre de Sevilha, obra que pode ser considerada por muitos lingüistas, filólogos e gramáticos modernos como precursora dos estudos etimológicos científicos do século XIX.

Etymologiarum libri – comentários iniciais

Os vinte livros das *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha fazem parte de uma reflexão sobre a origem dos nomes das "coisas", reflexão essa que se estendia já desde a Antigüidade Clássica. Tendo em mão o excelente artigo do professor Edison Lourenço Molinari intitulado "A etimologia como recurso literário", percebemos que entre os romanos Quintiliano se debruçava sobre a questão da origem das palavras. Para ele, a palavra – *uerbum* – e a coisa designada – *res* – possuem um vínculo natural. O grande mestre romano entendia etimologia como o estudo que tinha por finalidade descobrir a origem e o significado das palavras, pois acreditava que através da correta interpretação do sentido de uma palavra, poder-se-ia chegar com muito mais facilidade ao conhecimento da *res* por ela designada (MOLINARI, Edison Lourenço, 1988, p. 61-69).

Do ponto de vista estritamente filológico é interessantíssimo notar a modernidade do pensamento de Quintiliano, pois, como sabemos, no final do século XIX, surgiu na Alemanha a corrente filológica das *Wörter und Sachen*, desenvolvida pelos indo-europeístas Rudolf Meringer e Hugo Schuchardt, a qual se baseava no estudo das palavras, tendo em vista o seu verdadeiro significado, o seu real sentido (na acepção primitiva de étimo, ou seja, o "correto, o verdadeiro, o justo"), que às vezes não é encontrado no étimo, mas sim na própria história do vocábulo.

Serafim da Silva Neto, um dos maiores expoentes da Filologia no Brasil, já preferia o método com a inversão do nome para Coisas e Palavras, pois para ele a coisa sempre antecedia à palavra. Quão moderna é enfim a reflexão

de Quintiliano, pois como Saussure somente no século XX definiu, o signo lingüístico – significante (palavra) + significado (coisa) – são arbitrários.

Quanto a Santo Isidoro de Sevilha, consideramos bastante elucidativas as palavras de Manuel Díaz y Díaz citadas por Edison Molinari no que concerne às *Etimologias* do sevilhano:

Trata-se de um compêndio de conhecimentos, classificado segundo termos gerais, com interpretação das designações que recebem os seres e as instituições, mediante mecanismos etimológicos, i.e., buscando na forma e na história das palavras uma chave para a denominação em si mesma e, através dela, a justificativa para o objeto ou o ser que o recebe. Segundo o estudioso brasileiro, Santo Isidoro deve ter escrito a obra levado por sua preocupação pastoral, desejo de encontrar os meios para ajudar seus contemporâneos principalmente no plano da formação eclesiástica ou geral, e também convencido de que através da linguagem se revela o mundo. (MOLINARI, Edison Lourenço. *A etimologia como recurso literário*. CALÍOPE. Presença clássica, p. 61)

Para Santo Isidoro, *etimologia est origo vocabulorum, cum vis verbi vel nominis per interpretationem colligitur* (MOLINARI, Edison Lourenço. *A etimologia como recurso literário*. CALÍOPE. Presença clássica, p. 63). São citadas por Santo Isidoro algumas origens das etimologias (MOLINARI, Edison Lourenço. *A etimologia como recurso literário*. CALÍOPE. Presença clássica, p. 64).

- a) *etimologia ex causa* – a partir da causa;
- b) *etimologia ex origine* – a partir da origem, da proveniência;
- c) *etimologia ex contrariis* – a partir das palavras de sentido contrário;
- d) *etimologia ex nominum derivatione* – a partir de derivação;
- e) *etimologia ex vocibus* – a partir de onomatopéias;
- f) etimologias de origem grega, palavras derivadas de topônimos, palavras de origem estrangeiras e barbarismos.

Exemplos de etimologias:

- a) causa – *reges a (regendo et) recte agendo*;
- b) origem – *homo, quia sit ex humo*;
- c) contrários – *a lavando lutum, dum lutum non sit mundum, et lucus, quia umbra opacus parum luceat*;
- d) derivação – *a prudentia prudens*;
- e) onomatopéia – *a garrulitate garrulus*.

Encerramos esse capítulo com as palavras de Edison Molinari, que bem sintetizam a significação de etimologia para Santo Isidoro de Sevilha:

Santo Isidoro de Sevilha amplia a definição clássica da etimologia, considerando-a como chave para explicar o mundo em que vivemos, ou seja, através do perfeito conhecimento das palavras, nós conhecemos os seres que elas designam, nós podemos conhecer todo o universo e dominar todos os campos do saber (MOLINARI, Edison Lourenço. *A etimologia como recurso literário*. CALÍOPE. Presença clássica, p. 65).

Um exemplo da magnitude das *Etimologias* será agora dado no capítulo 5, livro VII, que passamos a apresentar ao leitor.

7. Considerações sobre o Capítulo 5, Livro VII

Traçaremos agora, resumidamente, algumas linhas com nossas observações sobre características lingüístico-estilísticas presentes no capítulo 5 dos *Etymologiarum Libri*, de Santo Isidoro de Sevilha. Não tencionamos, contudo, fazer uma análise literária do referido texto, pois, durante nossas notas explicativas sobre alguns pontos característicos do estilo do sevilhano, faremos menção aos mais importantes fatos e figuras literárias, que por ventura venham aparecer no texto.

7.1 Breves considerações lingüístico-estilísticas

De Angelis nos apresenta, do ponto de vista lingüístico, várias marcas textuais, que, desde já, podem ser arroladas. Podemos começar traçando as paralelas lexicais entre o grego, o latim e o hebraico:

- a) grego – angeli ; - hebraico – malachoth ; - latim – nuntii; archangeli; summi; nuntii; archos; princeps;

Em seguida fazemos um esquema entre o nome dos arcanjos em hebraico e sua significação em latim:

- b) hebraico – Gabriel – em latim – força, fortaleza de Deus;
Michael - aquele como Deus;
Raphael – cura ou medicina de Deus;
Uriel - fogo de Deus;

Mais duas classes de anjos têm seus nomes explicados:

- c) hebraico – Cherubin – latim – plenitude de sabedoria;
Seraphin – ardentes, aqueles que aquecem;

Como visto, o autor procura enumerar diversas classes de anjos, com seus respectivos nomes em grego, hebraico e latim e, posteriormente, discrimina alguns arcanjos e explicita, da mesma forma, mais adiante, as classes dos querubins e dos serafins. Santo Isidoro, do mesmo modo, enumera todas as classes de anjos que compõem a hierarquia angélica: anjos, arcanjos, potestades, virtudes, dominações, tronos, principados, querubins e serafins. Segundo o autor da tradução espanhola das *Etimologias* com a inclusão da classe dos anjos ordinários temos as nove classes ou categorias do santo de Sevilha. Por outro lado, durante o seu texto, podemos verificar que há interessantes criações semânticas em vocábulos já existentes no latim clássico, criações essas ligadas à influência do cristianismo que, por meio do vocabulário latino, incorporava novos significados oriundos do *modus vivendi* e *modus cogitandi* dos adeptos de Cristo:

1) 5, 1 – *nuntii* – mensageiros, no texto de S. Isidoro. Posteriormente significará uma dignidade eclesiástica dentro da hierarquia da Igreja Católica;

2) *Dominus* – em lat. clássico, “senhor”, “dono de casa”. Com o advento do Cristianismo passou a designar o Senhor Deus;

3) 5, 3 – *Scriptura sacra* – *scriptura* em lat. clássico significa, escritura, linha traçada. Jerônimo utiliza o vocábulo com a acepção de Escritura Sagrada;

4) 5, 7 – *propheta Zacharias* – temos aqui um substantivo grego, *propheta* que, em Apuleio, significa sacerdote de um templo, de uma divindade. Já em Jerônimo possui o significado de profeta, aquele que prediz, profetiza (SARAIVA, F.R., 1910, p.965). *Zacharias*, antropônimo hebraico, significa “o de quem Jeová se lembra” (SARAIVA, F.R., 1910, p.1295).

5) 5, 7 – *Hierusalem* – ou *Hierosolyma*, do hebraico *ieruch*, casa, cidade ou habitação de paz. Cidade da Palestina, um dos berços do Cristianismo;

6) 5, 12 – *virtutis* – *virtus*, – *tis*, em latim clássico, possui o significado de “força corpórea”, “vigor”, sendo, pelos romanos, deificada como *Virtus*, deusa que representava o Valor. Em latim cristão significará força moral, valor moral, não aqui no exemplo do texto (SARAIVA, F.R., 1910, p.1282);

7) 5, 14 – *Tobiam* – em hebraico *toviiah*, “agradável ao Senhor”, personagem bíblico da tribo de Nephtali (SARAIVA, F.R., 1910, p.1207);

8) 5, 16 – *caelestem* – adjetivo, ligado a *caelum*, “céu físico”, mas também, desde a época clássica romana, “céu, morada dos deuses”. No cristianismo, *caelestis* passou a designar o atributo do Céu cristão ou de seus moradores;

9) 5, 16 – *Apostolus* – em grego significa “enviado”. Segundo Saraiva, em Modestinus, autor de um tratado de milícia, possui a acepção de “remessa de uma causa a tribunal superior”. Posteriormente, com a incorporação do significado grego cristão, significará “enviado de Deus”, “Apóstolo”; (SARAIVA, F.R., 1910, p.89)

10) 5, 17 – *ministeria* – a palavra ganhou o significado cristão de “serviço do altar, ministério sagrado, sacerdócio” em Jerônimo. Em latim clássico, *ministerium* é o ofício, mister de um servo, serviço; (SARAIVA, F.R., 1910, p.738-739)

11) 5, 17 – *miracula* – no latim cristão, “milagres”, “feitos maravilhosos de Cristo”;

12) 5, 19 – *Danielum* – do hebraico Daniel, - *elis*, “o juiz de Deus, o que julga em nome de Deus”, profeta do Antigo Testamento; (SARAIVA, F.R., 1910, p.334)

13) 5, 23 – *propitiatorium arcae* – o primeiro termo, ligado ao verbo *propitiare*, “oferecer sacrifício expiatório a”, significa em Jerônimo, “propiciatório, lâmina suspensa sobre a arca do antigo testamento, donde era ouvida a voz de Deus”; (SARAIVA, F.R., 1910, p.966)

14) 5, 23 – *Deus* – o Deus cristão;

15) 5, 26 – *Psalmistam* – do grego, “aquele que compõem salmos, salmista”;

16) 5, 30 – *lapsum* – significa, em latim clássico, “queda”, “caída”, mas em Juvêncio, poeta cristão, “erro”, “engano”, “falta”, “pecado”; (SARAIVA, F.R., 1910, p.661)

17) 5, 30 – *apostatae* – termo grego introduzido em latim por Tertuliano, significa “apóstata, desertor da verdadeira religião”; (SARAIVA, F.R., 1910, p.89)

18) 5, 30 – *beatitudo* – em Petrónio “riqueza”; em Jerônimo “beatitude, bem-aventurança, felicidade eterna”; (SARAIVA, F.R., 1910, p.142)

19) 5, 32 – *Esaia* – de Esaías, - *ae*, antropônimo hebraico, significa “salvação de Jeová”;

20) 5, 33 – *Sanctus ... Trinitatis ... mysterium* – aqui temos três substantivos que estão intimamente ligados com as idéias básicas do Cristianismo. *Sanctus* como santo, o mais elevado dos homens, o modelo de conduta para o cristão; *Trinitatis* ligado ao numeral “três” refere-se à Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo reunidos em um só ser; *mysterium*, em Cícero e Justiniano, “mistérios, cerimônias secretas em honra de uma divindade”, passando esse significado para a ideologia cristã. (SARAIVA, F.R., 1910, p.765)

Do ponto de vista sintático colocamos a guisa de exemplificação alguns vocábulos que nos parecem marcas próprias do estilo isidoriano, bem como de tendência do latim cristão medieval:

a) 5, 1 – *eo quod* – apesar de já aparecer em Cícero e Horácio, Isidoro utiliza diversas vezes a expressão simbolizando “porque”, ao invés de *quia*, apesar desta forma também ocorrer no texto;

b) 5, 4 – *exequimur interpretando* – construção com *exsequor*, já aqui sem o – *s* – do latim clássico;

c) 5, 3 – *pinnae* – temos aqui uma sinédoque, ou seja, a parte pelo todo, representando “asas”;

d) 5, 8 – *potestates superiores inferiores* – aqui clara referência aos anjos celestes, superiores, e aos anjos caídos, seguidores de Lúcifer, os inferiores;

e) 5, 14 – *caecitate detersa* – Saraiva cita essa expressão de Santo Isidoro com tradução do ablativo absoluto latino, “curada a cegueira”; (SARAIVA, F.R., 1910, p.365)

f) 5, 15 – *inplesse* – forma sincopada de *impleuisse*;

- g) 5, 18 – *maligni spiritus* – alusão aos demônios;
 h) 5, 28 – *constat ... promeruisse* – em latim clássico, normalmente a regência do verbo *constare* prendia-se a uma oração infinitiva, o que não ocorre aqui.

Salta-nos aos olhos, inclusive, a repetição de vários termos e vocábulos, que aparecem no decorrer do *De Angelis*. Os mais significativos são os seguintes:

- 1) uso de formas na voz passiva – *vocantur, mittuntur, dicuntur* ao lado de verbos depoentes como *interpretantur, testantur, exequimur*, dentre vários outros exemplos;
- 2) utilização de *unde* – 5, 3 ; 5, 11 ; 5, 14 ; 5, 25 ; 5, 29 ; 5, 30 ;
- 3) conjunção alternativa *et ... et* – 5, 14 ; 5, 16 ; 5, 22 ; 5, 28 ;
- 4) expressão causal com *pro eo* – 5, 19 ; 5, 20 ; 5, 22 ;
- 5) expressão causal com *idcirco* – 5, 24 ; 5, 25 ;
- 6) uso anafórico de *alii* – 5, 16 ; 5, 19 ;
- 7) uso anafórico dos pronomes *nullus*, *– a*, *– um* – 5, 8 (*nullo modo*); 5, 24 ; 5, 29 ; 5, 31 ;
- 8) *tantum ... quantum* – 5, 18 ; quanto + advérbio ... tanto + advérbio – 5, 24 ;

Todas essas marcas da linguagem de Santo Isidoro demonstram claramente que seu estilo mescla o domínio seguro do latim, latim esse que apresenta, do mesmo modo, por seu turno, algumas características que o fazem ser considerado como latim cristão e também o domínio sobre as Sagradas Escrituras. Como um verdadeiro literato, Santo Isidoro não traça através das suas *Etimologias* um painel hagiográfico, porém, isso sim, utiliza as etimologias, como recurso literário, para ensinar, explicar e formar seus contemporâneos, instruindo-os sobre a mensagem cristã. *De angelis* corrobora plenamente nossa assertiva!

8. Conclusão

De Angelis, capítulo 5 do livro VII das *Etimologias*, de Santo Isidoro de Sevilha, fornece ao estudioso da Alta Idade Média subsídios para a compreensão dos estudos e do pensamento teológico-literário do santo sevilhano. Do ponto de vista eminentemente teológico, vemos a distribuição, classificação e função das diversas hierarquias angélicas. Do ponto de vista literário, temos a utilização da etimologia como recurso criador de significados, significados esses que se ajustam, através de comparações com os termos originais em grego e em hebraico, com a palavra latina, ou seja, há a tentativa de uma fusão racionalmente baseada na língua para a explicação dos mistérios dos anjos.

A contribuição de Santo Isidoro de Sevilha, portanto, à cultura ocidental perpassa pelos domínios teológicos e, porque não dizer, filológico-literários, na medida em que procura fundamentar a existência de várias ordens de anjos,

explicando seus ofícios, e, ao mesmo tempo, esclarecer quanto à origem dos seus respectivos nomes, comparando-os com os vocábulos do grego e do hebraico. Não foi isso feito, guardadas as devidas proporções, no século XIX por indoeuropeístas europeus, sobretudo alemães, que conceberam e desenvolveram o método histórico-comparativo?

Claro está que várias etimologias são de origem fantasiosa e nesse ponto se evidencia a mente fértil e criadora de Santo Isidoro: um homem que, possuidor de vasta cultura clássica, versado no Antigo e no Novo Testamento, elaborou uma síntese de vários pontos da teologia cristã, utilizando as línguas de transmissão dessa teologia – hebraico, grego e latim – para facilitar o entendimento por parte de seu público leitor e ouvinte. Fazemos nossas as palavras de Edison Molinari:

Para o autor, havia um vínculo natural entre o nome e o objeto por ele designado. Desta forma, através de esquemas etimológicos era possível conhecer e compreender os objetos existentes no universo em que vivemos. (MOLINARI, Edison Lourenço. *A etimologia literária*. UNILETRAS, p. 13

Cremos que, em resumo, apresentamos a grande contribuição de Santo Isidoro ao leitor, ou seja, o domínio dos assuntos teológicos em *De angelis* com o estudo crítico do "filólogo" e a criatividade do literato. Temos aí, em nosso ver, um digno precursor do Humanismo!

Anexo

De angelis - texto latino

O texto abaixo reproduzido procede da edição espanhola das *Etimologias*, edição essa indexada em nossa bibliografia.

5. De angelis

Angeli Graece vocantur, Hebraice malachoth, Latine vero nuntii interpretantur, ab eo quod Domini voluntatem populis nuntiant. 2Angelorum autem vocabulum officii nomen est, non naturae. Semper enim spiritus sunt, sed cum mittuntur, vocantur angeli. 3Quibus ideo pictorum licentia pinnas faciunt, ut celerem eorum in cuncta discursum significant, sicut et iuxta fabulas poetarum venti pinnas habere dicuntur, propter velocitatem scilicet. Vnde et Scriptura sacra dicit (Ps. 104,3): 'Qui ambulat super pinnas ventorum.' 4Novem autem esse ordines angelorum sacrae Scripturae testantur, id est angeli, archangeli,

throni, dominationes, virtutes, principatus, potestates, cherubim et seraphim. Quorum officiorum vocabula cur ita dicta sint, interpretando exequimur. 5Angeli vocantur propter quod de caelis ad adnuntiandum hominibus mittuntur. Angelus enim Graece, Latine nuntius dicitur. 6Archangeli Graeca lingua summi nuntii interpretantur. Qui enim parva vel minima adnuntiant, angeli; qui vero summa, archangeli nuncupantur. Archangeli dicti eo quod primatum teneant inter angelos; ἀρχός enim Graece, Latine princeps interpretatur. Sunt enim duces et principes, sub quorum ordine unicuique angelorum officia deputata sunt. 7Nam quia archangeli Angelis praesunt Zacharias propheta testatur dicens (2,3): 'Ecce angelus, qui loquebatur in me, egrediebatur, et angelus alius egrediebatur in occursum eius, et dixit ad eum: Curre, loquere ad puerum istum dicens: Absque muro habitabit Hierusalem'. 8Si enim in ipsis officiis angelorum nequaquam potestates superiores inferiores disponerent, nullo modo hoc, quod homini diceret angelus, ab angelo cognovisset. 9Quidam autem archangelorum privatis nominibus appellantur, ut per vocabula, ipsa in opere suo quid valeant designetur. 10Gabriel Hebraice in linguam nostram vertitur fortitudo Dei. Vbi enim potentia divina vel fortitudo manifestatur, Gabriel mittitur. 11Vnde et eo tempore, quo erat Dominus nasciturus et triumphaturus de mundo, Gabriel venit ad Mariam, ut illum adnuntiaret qui ad debellandas aeras potestates humilis venire dignatus est. 12Michael interpretatur, Quis sicut Deus. Quando enim aliquid in mundo mirae virtutis fit, hic archangelus mittitur. Et ex ipso opere nomen est eius, quia nemo valet facere quod facere potest Deus. 13Raphael interpretatur curatio vel medicina Dei. Vbi cumque enim curandi et medendi opus necessarium est, hic archangelus a Deo mittitur; et inde medicina Dei vocatur. 14Vnde et ad Tobiam idem archangelus missus oculis eius curationem adhibuit, et caecitate detersa visum ei restituit. Nominis enim interpretatione et angeli officium designatur. 15Vriel interpretatur ignis Dei, sicut legimus apparuisse ignem in rubo. Legimus etiam ignem missum desuper, et inpluisse quod praeceptum est. 16Throni autem et dominationes et principatus et potestates et virtutes, quibus universam caelestem societatem Apostolus complectitur, ordines angelorum et dignitates intelleguntur; et pro hac ipsa distributione officiorum alii throni, alii dominationes, alii principatus, alii potestates dicuntur, pro certis dignitatibus quibus invicem distinguuntur. 17Virtutes angelicae quaedam ministeria perhibentur, per quos signa et miracula in mundo fiunt; propter quod et Virtutes dicuntur. 18Potestates sunt, quibus virtutes adversae subiectae sunt, et inde Potestatum nomine nuncupantur, quia maligni spiritus eorum potestate coercentur, ne tantum mundo noceant quantum cupiunt. 19Principatus sunt hi qui angelorum agminibus praesunt. Qui pro eo, quod subditos angelos ad explendum ministerium divinum disponunt, principatus vocabulum acceperunt. Nam alii sunt qui administrant, alii qui adsistunt, sicut et per

Danielum dicitur (7,10): 'Milia milium ministrabant ei, et decies milies centena milia adsistebant ei'. 20Dominationes sunt ii qui etiam Virtutibus et Principatibus praeeminent, qui pro eo, quod ceteris angelorum agminibus dominantur, Dominationes vocantur. 21Throni sunt agmina angelorum, qui Latino eloquio sedes dicuntur; et vocati Throni quia illis conditor praesidet, et per eos iudicia sua disponit. 22Cherubin autem et ipsi sublimes caelorum potestates et angelica ministeria perhibentur; qui ex Hebraeo in linguam nostram interpretantur scientiae multitudo. Sunt enim sublimiora agmina angelorum, qui pro eo, quod vinicius positi divina scientia ceteris amplius pleni sunt, Cherubin, id est plenitudo scientiae, appellantur. 23Ipsa sunt illa duo animalia super propitiatorium arcae ficta ex metallo, propter significandam angelorum praesentiam, in quorum medio ostenditur Deus. 24Seraphin quoque similiter multitudo est angelorum, qui ex Hebraeo in Latinum ardentes vel incedentes interpretantur. Qui idcirco ardentes vocantur, quia inter eos et Deum nulli angeli consistunt; et ideo quanto vinicius coram eo consistunt, tanto magis luminis claritate divini inflammantur. 25Vnde et ipsi velant faciem et pedes sedentes in throno Dei; et idcirco cetera angelorum turba videre Dei essentiam plene non valent, quoniam Cherubin eam tegit. 26Haec igitur vocabula agminum angelorum ita sunt specialia ordinum singulorum, ut tamen sint ex parte communia omnium. Nam dum Throni sedes Dei in quorundam angelorum ordine specialiter designentur, tamen per Psalmistam (79,2): 'Qui sedes super Cherubin', dicitur. 27Sed ideo isti ordines angelorum privatis nominibus appellantur, quia hoc ipsud officium in proprio ordine plenius acceperunt. Et cum sint omnibus communia, proprie tamen haec nomina suis ordinibus deputantur. 28Vnicuique enim, sicut praedictum est, propria officia sunt iniuncta, quae promeruisse eos in mundi constat exordio. Nam quia angeli et locis et hominibus praesunt, per Prophetam testatur angelus dicens (Dan. 10,13): 'Princeps regni Persarum restitit mihi'. 29Vnde apparet nullum esse locum cui angeli non praesint. Praesunt enim et auspiciis operum omnium. 30Hic est ordo vel distinctio angelorum, qui post lapsum malorum in caelesti vigore steterunt. Nam postquam apostatae angeli ceciderunt, hi perseverantia aeternae beatitudinis solidati sunt. Vnde et post caeli creationem in principio reperitur (Gen. 1,6,8): 'Fiat firmamentum, et vocatum est firmamentum caelum'. 31Nimirum ostendentis quod post ruinam angelorum malorum hi, qui permanserunt, firmitatem aeternae perseverantiae consecuti sunt, nullo iam lapsu aversi, nulla superbia cadentes, sed firmiter in Dei amore et contemplatione manentes, nihil aliud Dulce habent nisi eum a quo creati sunt. 32Quod autem duo Seraphin in Esaia (6,2) leguntur, figuraliter Veteris et Novi Testamenti significationem ostendunt. Quod vero faciem et pedes Dei operiunt, quia praeterita ante mundum et futura post mundum scire non possumus, sed media tantum eorum testimonio contemplamur. 33Singuli senas alas habent, quia

de fabrica tantum mundi, quae in sex diebus facta sunt, in praesenti saeculo novimus. Quod clamat ter Sanctus alter ad alterum, Trinitatis in una divinitate demonstrat mysterium.

De angelis – tradução

Procuramos ser fiéis ao texto de Santo Isidoro, no que concerne à ortografia e à pontuação. Caso haja inserções de nossa parte, elas serão por nós listadas no fim da presente proposta de tradução.

5. Sobre os anjos

1. Em grego chamam-se anjos, em hebraico malachoth, em latim são em verdade traduzidos por mensageiros, porque eles anunciam aos povos a vontade do Senhor. 2. Contudo a denominação de anjos é nome de função, não de natureza. Com efeito são sempre espíritos, mas quando são enviados, são chamados anjos. 3. Por isso fazem asas com permissão dos pintores para eles, para que possam significar o seu breve discurso em todas as coisas, assim como também são ditos conforme as fábulas dos poetas que os ventos têm asas, seguramente por causa de sua velocidade. Onde também diz a Sagrada Escritura (Ps. 104,3): “Quem anda sobre asas de ventos.” 4. As Sagradas Escrituras testemunham haver nove ordens de anjos, ou seja, anjos, arcanjos, tronos, dominações, virtudes, principados, potestades, querubins e serafins. Nós seguimos a interpretar os nomes dessas classes por que são assim chamados. 5. Chamam-se anjos porque são enviados aos homens para anunciar as coisas dos céus. Pois se diz anjo em grego, em latim mensageiro. 6. Arcanjos são traduzidos na língua grega sumos mensageiros. Aqueles que pois anunciam coisas pequenas ou mínimas são chamados anjos; aqueles que anunciam em realidade coisas mais elevadas são chamados arcanjos. São chamados porque possuem o primado entre os anjos; com efeito ἀρχός em grego se traduz em latim por príncipe. Com efeito são condutores e príncipes, sob a ordem dos quais a cada um são atribuídas às funções dos anjos. 7. Na verdade, porque os arcanjos são superiores aos anjos o profeta Zacarias afirma, dizendo (2,3): “Eis que o anjo, que falava em mim, saiu para fora, e outro anjo veio-lhe ao encontro e disse-lhe: Corre, fala a este jovem dizendo: Jerusalém será habitada sem muro.” 8. Se pois nas próprias classes dos anjos as potestades superiores de forma alguma coordenassem as inferiores, de modo algum ele conheceria por intermédio de um anjo, aquilo que o anjo dissesse ao homem. 9. Contudo alguns dos arcanjos são chamados por nomes particulares, para que se indique através dos próprios nomes o que possam significar. 10. Gabriel em hebraico se verte para a nossa língua força de Deus.

Quando pois a potência ou a força divina se manifestam, Gabriel é enviado. 11. Onde também naquele tempo, no qual o Senhor haveria de nascer e triunfar sobre o mundo, Gabriel veio a Maria, para que anunciasse aquele que se dignou a vir humilde para debelar as potestades aéreas. 12. Miguel traduz-se Aquele como Deus. Quando com efeito algo no mundo é feito de uma força maravilhosa, este arcanjo é enviado. E seu nome vem de seu próprio trabalho, porque ninguém é capaz de fazer o que Deus pode fazer. 13. Rafael se traduz por cura ou medicina de Deus. Com efeito onde quer que seja necessário o trabalho de tratar e medicar, este arcanjo é enviado por Deus; e por este motivo chama-se medicina de Deus. 14. Onde não só o mesmo arcanjo enviado a Tobias prestou a cura a seus olhos, mas também lhe restituiu a visão, curada a cegueira. Com efeito o ofício do anjo é designado pela tradução do nome. 15. Uriel traduz-se por fogo de Deus, assim como lemos ter aparecido fogo no framboseiro. Lemos ainda que o fogo foi enviado da parte de cima, e ter concluído aquilo que foi prescrito. 16. Tronos, por outro lado, são cognominados não só as denominações como os principados, potestades e virtudes, para os quais o Apóstolo adquire toda a sociedade celeste, com as classes e dignidades de anjos; e por causa dessa mesma distribuição de funções outros são chamados de tronos, outros de dominações, outros de principados, outros de protestados, pelas quais são distinguidos alternadamente por causa de certas dignidades. 17. Algumas virtudes angélicas são denominadas mistérios, através dos quais sinais e milagres são feitos no mundo; também por cuja causa são chamados de Virtudes. 18. Potestades são aquelas, pelas as quais as virtudes contrárias são subjugadas, e daí são chamadas pelo nome de Potestades, porque os espíritos malignos são detidos pela potestade deles, para que não possam prejudicar o mundo tanto quanto desejam. 19. Principados são aqueles que estão à frente dos exércitos dos anjos, os quais, porque dispõem os anjos súditos para exercer o ministério divino, receberam a denominação de principados. Com efeito outros são aqueles que administram, outros que assistem, assim como através de Daniel também se diz (7,10): “Milhares de Milhares o serviam, e milhões os que o assistiam.” 20. Dominações são aqueles que, além disso, excedem às virtudes e os principados, os quais por causa disso, já que mandam sobre os restantes exércitos dos anjos, são chamados Dominações. 21. Tronos são os exércitos dos anjos, os quais são chamados moradas em língua latina; e chamados Tronos porque o criador os comanda, e através deles dispõe seus atos de justiça. 22. Por Querubins, contudo, são designados não só as próprias sublimes potestades do céu, como também os angélicos mistérios, os quais são traduzidos do hebraico para a nossa língua por multidão de sabedoria. São com efeito os mais sublimes exércitos dos anjos, os quais, já que são colocados mais próximos da sabedoria divina e pelo fato de que estão mais cheios dela do que os restantes, são chamados Querubins, isto é, plenitude de sabedoria. 23. Os mesmos são aqueles dois ani-

mais feitos de metal sobre o propiciatório da arca, por representarem a presença dos anjos, no meio dos quais Deus se manifesta. 24. Do mesmo modo Serafins são um grande número de anjos, os quais são traduzidos do hebraico para o latim por ardentes ou os que aquecem, os quais por esta razão são chamados aqueles que ardem, porque entre eles e Deus não existem outros anjos; e por esta razão quanto mais próximo eles estão de frente a ele, tanto mais são inflamados pela claridade da luz divina. 25. Daí também os próprios ocultam o rosto e os pés daqueles que estão sentados no trono de Deus; e por essa razão a turba restante dos anjos não é capaz de ver plenamente a essência de Deus, visto que um Querubim a cobriu. 26. Portanto estes vocábulos dos exércitos dos anjos são deste modo privativos de cada uma das classes, assim como também em parte comuns a todos. Pois enquanto os tronos são designados moradas de Deus especialmente na classe de certos anjos, pois se diz através do Salmista (79,2): "Tu que estás sentado sobre os Querubins." 27. Mas por isso estas ordens dos anjos são chamadas por nomes particulares, porque receberam este mesmo ofício mais plenamente na própria classe. E embora seja comum a todos, estes nomes todavia com propriedade serão atribuídos às suas classes. 28. Com efeito, a cada um, assim como está previsto, as próprias funções são acrescidas, as quais consta que eles mereceram na origem do mundo. Com efeito porque os anjos são superiores não somente aos locais, mas também aos homens, o anjo testemunha através do Profeta dizendo (Dan. 10,13): "O príncipe do reino dos Persas restituiu-me." 29. De onde parece não haver lugar onde os anjos não estejam presentes. Com efeito estão presentes também para os auspícios de todos os trabalhos. 30. Aqui está a ordem ou a distinção dos anjos, os quais após o lapso dos maus permaneceram no vigor celeste. Com efeito depois que os anjos apóstatas caíram, estes foram fortalecidos na perseverança da eterna bem-aventurança. De onde também após a criação do céu é reencontrada no princípio (Gen. 1,6,8): "Faça-se o firmamento, e o firmamento foi chamado céu." 31. Manifestando com segurança que aqueles anjos que permaneceram após a ruína dos anjos maus, conseguiram a consistência da eterna perseverança, contrários a erros, que não caem em nenhuma soberba, mas permanecendo firmemente no amor e na contemplação de Deus, possuem nenhuma coisa cara a não ser ele por quem foram criados. 32. No entanto podem ser lidos em Isaías (6,2) que dois Serafins revelam o significado de modo figurado do Velho e do Novo Testamento. Que na verdade encobrem a face e os pés de Deus, porque não podemos saber as coisas passadas antes do mundo e as futuras depois do mundo, mas somente contemplamos as coisas atuais segundo o testemunho deles. 33. Cada um deles possui seis asas, porque no presente século, somente conhecemos da criação do mundo as coisas que foram feitas em seis dias. Que um santo chama o outro por três vezes, demonstra o mistério em uma divindade da Trindade.

Bibliografia

- Bíblia sagrada. Tradução do Pe. Matos Soares. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.
- Biblia sacra iuxta vulgatam clementiam*. Traduzida por Alberto Colunga & Laurentio
- Turrado. 6ª. edição. Madrid: Editorial Católica, 1982. *Biblioteca de Autores Cristianos*, vol. 14.
- CURTIVUS, Ernest Robert. *Literatura européia e idade média latina*. 2ª. ed. Brasília: INL, 1979.
- FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.
- _____. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.
- GUERRAS, Maria Sonsoles. *Os povos bárbaros*. 2ª. edição. São Paulo: Ática, 1991. Série Princípios, v. 126.
- HABEL, Edwin & GROBEL, Friedrich. *Mittelateinisches Glossar*. 2. Aufl. Paderborn/München/Wien/Zürich, Schöningh, 1989.
- HASKINS, Charles Homer. *The renaissance of the 12th. Century*. New York: Meridian Books, 1957.
- LANGOSCH, Karl. *Lateinisches Mittelalter*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1988.
- LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na idade média*. 2ª. ed. Lisboa: Gradiva, /s.d./.
- MOHRMANN, Christine. *Latin vulgaire, latin des chrétiens, latin médiéval*. Paris: C. Klincksieck, 1955.
- MOLINARI, Edison Lourenço. A etimologia como recurso literário. In: CALÍOPE. *Presença Clássica*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/Departamento de Letras Clássicas da UFRJ, 1988. Ano V, nº. 07.
- _____. A etimologia literária. In: UNILETRAS. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Letras Vernáculas e de Línguas Estrangeiras Modernas, 1993. Número 15
- NORBERG, Dag. *Manuel pratique du latin médiéval*. Paris, A & J. Picard & Cie, 1968.
- NUNES, Ruy Afonso da Costa. *História da educação na idade média*. São Paulo: E.P. U., 1979.
- SAN ISIDORO DE SEVILLA. *Etimologías*. Madrid: La Editorial Católica, 1951.
- _____. *Etimologias*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1982-1983. 2v.
- STRECKER, Karl. *Introduction to medieval latin*. Berlin: Wiedmannsche Verlagsbuchhandlung, 1957.
- SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novissimo diccionario latino-português*. 7ª. ed. Paris: Typographia Garnier, 1910.

Obras de consulta geral

1. Encyclopedia e Dicionario Internacional . Rio de Janeiro/New York: W.M. Jackson, /s.d./ v. X.
- 21 Idem, Ibidem, op. cit., p. 64.
- 22 Idem, Ibidem, op. cit., p. 65.
- 23 In: SARAIVA, F. R. dos Santos. Op. cit., p. 1073.
- 24 Idem, Ibidem , op. cit., p. 965.
- 25 Idem, Ibidem, op. cit., p. 1295.
- 26 Idem, Ibidem, op. cit., p. 1282.
- 27 Idem, Ibidem, op. cit., p. 1207.
- 28 Idem, Ibidem, op. cit., p. 89.
- 29 Idem, Ibidem, op. cit., p. 738-739.
- 30 Idem, Ibidem, op. cit., p. 334.
- 31 Idem, Ibidem, op. cit., p. 966.
- 32 Idem, Ibidem, op. cit., p. 661.
- 33 Idem, Ibidem, op. cit., p. 89.
- 34 Idem, Ibidem, op. cit., p. 142.
- 35 Idem, Ibidem, op. cit., p. 765.
- 36 Idem, Ibidem, op. cit., p. 365.
- 37 In: MOLINARI, Edison Lourenço. A etimologia literária. In: UNILETRAS, p. 13.